



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA



**LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: PAPEL DA FAMÍLIA DAS CAMADAS
POPULARES NA CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO DOS FILHOS**

RELATO DE EXPERIÊNCIA

AMANDA DOS SANTOS

MARIANA, MG

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO DEPARTAMENTO
DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA



**LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: PAPEL DA FAMÍLIA DAS CAMADAS
POPULARES NA CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO DOS FILHOS**

AMANDA DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de pesquisa, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Fernanda Aparecida
Oliveira Rodrigues Silva

MARIANA

2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda dos Santos

Leitura na primeira infância: papel da família das caméras populares na conquista da alfabetização dos filhos

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 03 de março de 2026

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Avaliador (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/06/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/10/2026, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1215476** e o código CRC **6E58CD8C**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.013343/2026-79

SEI nº 1215476

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: - www.ufop.br

Resumo

O presente trabalho, tem como objetivo compreender de que forma as práticas familiares influenciam o processo de alfabetização das crianças, especialmente em contextos de baixa renda. Trata-se de um relato de experiência fundamentado em referenciais teóricos da área da Educação como Magda Soares (2006), Emília Ferreiro (1985), Teresa Colomer (2007) e Eusimar Albino Bento da Silva (2015), que abordam a relação entre alfabetização, letramento e práticas sociais de leitura. O relato desenvolveu-se a partir da atuação da autora como professora particular, acompanhando nove estudantes de diferentes séries das redes pública e privada. As observações revelaram contrastes significativos entre os alunos: aqueles que tiveram contato precoce com livros e incentivo familiar demonstraram maior autonomia, interesse e facilidade na leitura e interpretação; enquanto os que não vivenciaram práticas de leitura na primeira infância apresentaram dificuldades persistentes, como leitura silabada, troca de letras e baixo repertório linguístico. As intervenções realizadas priorizaram a leitura guiada, o uso diversificado de materiais e a orientação às famílias sobre a importância da mediação cotidiana.

Palavras-chave: Leitura; Primeira infância; Alfabetização; Família; Camadas populares.

Abstract

The present work, entitled *Reading in early childhood: the role of low-income families in achieving children's literacy*, aims to understand how family practices influence the literacy process of children, especially in low-income contexts. It is a report of experience supported by theoretical references in the field of Education, such as Magda Soares (2006), Emilia Ferreiro (1985), Teresa Colomer (2007), and Eusimar Albino Bento da Silva (2015), who discuss the relationship between literacy, reading, and social practices of writing. The research was developed through the author's work as a private tutor, assisting nine students from both public and private schools. The observations revealed significant contrasts among the students: those who had early contact with books and family encouragement showed greater autonomy, interest, and ease in reading and interpreting texts; whereas those who did not experience reading practices in early childhood presented persistent difficulties, such as syllabic reading, letter exchanges, and limited vocabulary. The interventions carried out prioritized guided reading, the use of diverse reading materials, and guidance to families on the importance of daily mediation.

Keywords: Reading; Early childhood; Literacy; Family; Low-income families.

SUMÁRIO

Introdução	5
2. Leitura na primeira infância nas camadas populares	8
2.1 Política Pública de Incentivo à Leitura	9
2.2 A Pesquisa: “Meu Bebê, Um Futuro Leitor”	10
3. Relato de Experiência	11
3.1 Contexto da Pesquisa	11
3.2 Metodologia da Intervenção	11
3.3 Descrição das Atividades Desenvolvidas	12
3.5 Análise e Discussão dos Resultados	13
4. Considerações finais	13
5.Referências bibliográficas.....	15

1. INTRODUÇÃO

O estímulo à leitura e à escrita desde os primeiros anos de vida é um fator determinante para o desenvolvimento integral da criança, influenciando diretamente suas habilidades cognitivas, linguísticas, sociais e emocionais. Diversos estudos evidenciam que, quando a criança é inserida no universo letrado ainda na primeira infância, há maiores possibilidades de sucesso durante o processo de alfabetização e, conseqüentemente, em toda a trajetória escolar. No entanto, a realidade das camadas populares brasileiras revela um cenário em que nem sempre esse contato precoce ocorre de forma efetiva, seja por falta de recursos materiais, seja por desconhecimento da importância dessas práticas.

Nesse contexto, compreender o papel da família na alfabetização da prole é fundamental, especialmente porque o ambiente doméstico é o primeiro espaço de interação social e de estímulo linguístico da criança. Segundo Magda Soares (2006, p. 14), “a alfabetização e o letramento são processos distintos, porém indissociáveis”, sendo que o letramento envolve “o uso social da leitura e da escrita nas práticas cotidianas”. Ou seja, não basta que a criança aprenda a decodificar palavras; é preciso que ela tenha contato com diferentes textos, situações comunicativas e oportunidades reais de uso da língua escrita, práticas que podem e devem começar no seio familiar.

A primeira infância, compreendida do nascimento até os seis anos de idade, é reconhecida como a fase mais propícia para o desenvolvimento de competências linguísticas e cognitivas essenciais. A Lei nº 13.257/2016, que estabelece diretrizes para políticas públicas voltadas a essa etapa da vida, destaca a relevância dos primeiros anos para a formação integral do indivíduo, reforçando a necessidade de ações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. É justamente nesse período que a presença ou ausência de estímulos à leitura e à escrita deixa marcas profundas no processo de aprendizagem.

Teresa Colomer (2007) acrescenta que a criação de espaços de leitura compartilhada, tanto no ambiente escolar quanto no familiar, favorece o desenvolvimento do prazer de ler e da construção coletiva de sentidos. Para a autora, esses momentos de interação em torno do texto literário são oportunidades únicas para fortalecer vínculos afetivos e formar leitores críticos desde cedo. Essa concepção encontra eco na minha experiência como professora particular, na qual

observo que crianças que tiveram vivências de leitura mediada pelos pais ou responsáveis apresentam mais interesse e autonomia no trabalho com textos.

Por outro lado, a ausência desse contato inicial gera desafios significativos para o educador. Emília Ferreira (1985) destaca que o conhecimento sobre o sistema de escrita não se constrói de forma isolada, mas em um contexto de interações sociais e culturais que oferecem à criança oportunidades de refletir sobre a linguagem. Quando esse ambiente não é oferecido nos primeiros anos, é comum encontrar, nos anos subsequentes, dificuldades persistentes como leitura silabada, troca de letras e problemas de compreensão textual, aspectos que identifiquei repetidamente nos alunos que atendo.

O papel da família no processo de alfabetização, especialmente nas camadas populares, é um ponto central para compreender as desigualdades de aprendizagem presentes no sistema educacional brasileiro. Para além do papel da escola, é no ambiente doméstico que a criança tem suas primeiras experiências de linguagem e contato com materiais escritos. Esse contato precoce não depende exclusivamente de recursos financeiros, mas também do reconhecimento, por parte dos pais e responsáveis, da importância da leitura para o desenvolvimento da criança. Quando esse estímulo não ocorre, a criança chega à escola com repertório linguístico reduzido e com poucas referências sobre o funcionamento da linguagem escrita, o que pode dificultar significativamente o processo de alfabetização.

O trabalho de Eusimar Albino Bento da Silva (2015) evidencia essa realidade ao relatar a experiência do projeto “Meu bebê, um futuro leitor”, desenvolvido na Unidade Municipal de Educação Infantil Mangueiras, em Belo Horizonte. A autora descreve como a integração entre escola e família, mediada por atividades de leitura desde o berçário, gerou impactos positivos na linguagem oral, na atenção e no interesse das crianças pelos livros. Segundo ela, “a leitura desde os primeiros meses de vida é capaz de ampliar as possibilidades cognitivas e afetivas da criança, criando condições para que, futuramente, a alfabetização ocorra de forma mais significativa” (SILVA, 2015, p. 47).

Ao longo da minha atuação como professora particular, tenho observado de forma prática o que a pesquisa de Eusimar confirma teoricamente. Crianças que chegam ao processo de alfabetização sem esse histórico de contato com livros e histórias apresentam, na maioria das vezes, dificuldades que vão além da decodificação de palavras. A ausência de vocabulário mais amplo, a dificuldade em compreender textos e a baixa autonomia leitora são aspectos recorrentes nos alunos que atendo, especialmente aqueles provenientes de famílias com pouco hábito de leitura.

Magda Soares (2006) ressalta que, para crianças das camadas populares, a escola frequentemente é o único espaço em que têm acesso a materiais de leitura, o que aumenta a responsabilidade da instituição e dos educadores em criar estratégias para compensar essa lacuna. No entanto, quando família e escola caminham juntas, como no projeto documentado por Eusimar, as possibilidades de êxito aumentam significativamente. Essa constatação reforça a importância de pensar políticas e práticas pedagógicas que envolvam ativamente os responsáveis no processo de alfabetização, criando oportunidades para que se tornem mediadores de leitura e escrita no cotidiano da criança.

Na minha prática, percebo que as famílias que participam, ainda que minimamente, do processo de aprendizagem, seja lendo uma história, seja incentivando o uso de livros contribuem para um avanço mais rápido e consistente da criança. Já nos casos em que esse apoio está ausente, é necessário um esforço maior em aula para construir habilidades que poderiam ter sido desenvolvidas com mais naturalidade na primeira infância.

Considerando que a alfabetização é um processo que exige tempo, estímulo contínuo e interação constante com a linguagem, a ausência de práticas de leitura nos primeiros anos tende a gerar lacunas difíceis de serem superadas posteriormente. Emilia Ferreiro (1985) já alertava que o contato precoce com a escrita permite à criança elaborar hipóteses e compreender, de forma gradativa, a lógica do sistema alfabético. Quando esse contato é restrito ou inexistente, a criança inicia o processo de alfabetização em desvantagem em relação àquelas que tiveram experiências ricas de letramento, o que pode gerar um ciclo de dificuldades ao longo da vida escolar.

Teresa Colomer (2007) reforça que a formação de leitores não é apenas uma questão técnica, mas também cultural e afetiva, uma vez que a leitura, quando vivenciada de forma prazerosa e compartilhada, contribui para a construção de identidades e para a inserção social. Essa perspectiva, aliada às constatações de Magda Soares e às experiências documentadas por Eusimar Silva, orienta a compreensão de que a família, especialmente nas camadas populares, desempenha um papel insubstituível como mediadora das práticas de leitura e escrita.

A relevância desta pesquisa está em valorizar e compreender esse papel, apontando que a alfabetização bem-sucedida não depende apenas da atuação escolar, mas de um conjunto de interações significativas que começam no lar. A partir das minhas vivências como professora particular, atendendo crianças com dificuldades em leitura e escrita, busco contribuir para o debate acadêmico trazendo observações concretas que dialoguem com as teorias aqui apresentadas. Tais experiências revelam que, quando a leitura está presente desde a primeira infância, a criança não apenas aprende a ler mais facilmente, como também desenvolve maior autonomia, senso crítico

e prazer pela aprendizagem.

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel da família das camadas populares na conquista da alfabetização da prole, analisando de que forma as práticas (ou a ausência delas) no ambiente doméstico influenciam o desempenho escolar e a relação da criança com a leitura.

2. Leitura na primeira infância nas camadas populares

A leitura na primeira infância desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança. É nesse período, que compreende os primeiros seis anos de vida, que se constroem as bases do desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico. A inserção precoce no universo da literatura, mesmo antes da alfabetização formal, possibilita à criança ampliar seu vocabulário, desenvolver a imaginação, aprender a lidar com as emoções e construir sentidos sobre o mundo que a cerca. De acordo com Ferreira (2024), a leitura literária, quando apresentada de forma lúdica e afetuosa, estimula a linguagem, fortalece vínculos afetivos e favorece o aprendizado da escrita e da leitura nos anos posteriores.

No entanto, esse direito não é garantido de forma igualitária a todas as crianças. Aquelas pertencentes às camadas populares enfrentam dificuldades significativas de acesso à leitura. O termo “camadas populares” refere-se, aqui, às famílias de baixa renda, com menor grau de escolaridade, e acesso limitado a bens culturais como livros, bibliotecas, internet e atividades de leitura. São famílias que, em sua maioria, valorizam a educação, mas enfrentam condições socioeconômicas que dificultam a prática da leitura em casa. Como aponta Silva (2015), muitos pais e responsáveis desses contextos nunca tiveram contato com a literatura em sua própria infância, o que impacta diretamente a forma como se relacionam com os livros no presente.

A ausência da leitura nos primeiros anos gera consequências visíveis no processo de alfabetização. Crianças que não têm familiaridade com os livros apresentam dificuldades em compreender textos, construir frases, ampliar o vocabulário e até mesmo manter a atenção em atividades escolares. Já as crianças que tiveram contato com a leitura em casa, mesmo que de forma espontânea, demonstram mais facilidade na aquisição da linguagem escrita, maior interesse pelas aulas e melhor desempenho escolar. Essa observação é reforçada por Ferreira (2024), ao afirmar que a leitura precoce influencia diretamente na capacidade de escuta, vocabulário e compreensão textual da criança, tornando suas interações escolares mais significativas.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas famílias populares, é necessário reconhecer que muitas delas carregam práticas culturais riquíssimas que podem ser potencializadas em projetos de leitura. Contação oral de histórias, cantigas populares e memórias familiares são

formas de narrativas que, embora não estejam registradas em livros, fazem parte da tradição oral brasileira e do repertório infantil. Valorizar essas práticas é um caminho possível para criar pontes entre a cultura letrada e os saberes populares. Como educadora, sempre busquei resgatar essas narrativas em aula, pedindo que as crianças contassem histórias que ouviram dos avós ou cantassem músicas que aprenderam em casa.

A escola, nesse cenário, assume um papel indispensável. Ela deve ser um espaço onde a leitura seja vivida com prazer e frequência, principalmente para aquelas crianças que não têm esse contato em casa. Projetos como rodas de leitura, bebetecas, contação de histórias e empréstimo de livros são formas eficazes de democratizar o acesso à literatura. Mas, além das atividades, é fundamental que o professor acredite na potência da leitura e esteja preparado para mediar esse processo com sensibilidade. Durante meu estágio, percebi que as crianças se encantavam com a forma como eu lia: a entonação, as expressões, o envolvimento. Para elas, aquilo era um espetáculo. E, muitas vezes, pediam para repetir a mesma história várias vezes, o que me ensinou que o encantamento não está apenas na novidade, mas na repetição afetuosa.

O contato frequente com os livros também permite que a criança crie memórias afetivas com a leitura. A lembrança de um adulto lendo para ela, de um personagem marcante ou de uma história engraçada pode se tornar um incentivo para que ela mesma deseje aprender a ler. Essa motivação interna é um dos fatores mais importantes para o sucesso escolar e para a formação de leitores críticos no futuro. Segundo Silva (2015), os impactos do projeto de leitura com bebês não se limitam às crianças: os adultos que participaram também foram transformados. Muitos passaram a valorizar mais os momentos com os filhos e a buscar novas formas de leitura, mesmo com suas próprias limitações.

Por fim, é necessário refletir sobre o papel das políticas públicas no incentivo à leitura nas camadas populares. Não basta esperar que a escola e os professores, isoladamente, resolvam uma questão que é estrutural.

2.1 Políticas públicas de incentivo à leitura

O incentivo à leitura na primeira infância também se apoia em políticas públicas que asseguram o acesso das crianças aos livros e à literatura de qualidade. Entre elas, destaca-se o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que distribui gratuitamente obras didáticas, paradidáticas e literárias às escolas públicas de todo o Brasil. Desde 2018, o programa passou a contemplar também a Educação Infantil, garantindo acervos diversificados para turmas de creches e pré-escolas.

Durante minha experiência de formação, participei de um projeto da faculdade em uma escola pública municipal, em uma turma do 2º período da Educação Infantil. Nessa ocasião, as crianças receberam livros diversos provenientes do PNLD, o que representou uma oportunidade de contato com a literatura de forma gratuita e acessível. Além dos livros destinados à hora da leitura em sala de aula, as crianças também receberam 3 exemplares individuais, distribuídos ao longo do ano, para levar para casa.

Essa iniciativa amplia o alcance da política pública, pois garante que o acesso ao livro ultrapasse os muros da escola, chegando às famílias. Com isso, abrem-se possibilidades de mediação no lar, permitindo que a criança revise as histórias, compartilhe a leitura com irmãos e responsáveis e crie memórias afetivas em torno da literatura. No entanto, percebe-se que o simples acesso ao livro não é suficiente: é necessário que haja incentivo, mediação e acompanhamento tanto por parte dos professores quanto da família. Quando os responsáveis se envolvem na leitura, o livro passa a representar uma ponte de afeto, diálogo e aprendizado, reforçando o papel central da família na formação leitora.

2.2 A pesquisa “Meu bebê, um futuro leitor”

Um exemplo significativo do impacto da leitura na primeira infância em contextos populares é apresentado na pesquisa de Eusimar Albino Bento da Silva (2015), intitulada *Meu bebê, um futuro leitor*. O estudo foi realizado em uma creche de Belo Horizonte (MG), em um bairro de contexto popular, envolvendo bebês de 0 a 3 anos e suas famílias.

O projeto teve como objetivo analisar como o incentivo à leitura desde os primeiros meses de vida poderia contribuir para a formação leitora e para o fortalecimento dos vínculos entre pais e filhos. Para isso, foram realizadas atividades de leitura mediada, como contação de histórias, rodas de leitura, músicas e cantigas, tanto com os bebês na instituição quanto com a participação dos familiares.

Os resultados apontaram transformações significativas. Os bebês passaram a demonstrar maior interesse pelos livros, reconhecendo imagens, manuseando-os e criando vínculos afetivos com a leitura. Os pais, mesmo com pouco hábito de leitura, começaram a valorizar o ato de ler para os filhos, compreendendo a importância dessa prática. Além disso, os adultos também foram transformados: muitos passaram a se perceber como mediadores de leitura, buscando novas formas de interação com as crianças.

A pesquisa confirma que a leitura, quando inserida desde a primeira infância, pode gerar impactos duradouros não apenas no processo de alfabetização, mas também nas relações

familiares. Ela reforça que o contato precoce com a literatura amplia o repertório linguístico, fortalece os vínculos afetivos e contribui para a formação integral da criança.

3.Relato de Experiência

3.1 Contexto da atuação como professora particular

Iniciei minha atuação como professora particular em agosto de 2024. Desde então, atendo alunos de diferentes idades e séries escolares, tanto da rede pública quanto da rede privada. Atualmente, acompanho três alunos de escolas particulares, sendo um estudante do 7º ano, uma aluna do 5º ano e um estudante do 1º ano. Além disso, trabalho com seis alunos da rede pública, entre eles dois meninos do 1º ano, um menino do 6º ano com duas reprovações, um estudante do 4º ano e uma aluna do 7º ano.

No que diz respeito ao contexto socioeconômico, três alunos pertencem a famílias de classe média, enquanto os outros seis vivem em condições de maior vulnerabilidade social. O caminho até esses alunos se deu de formas distintas: os da rede privada chegaram até mim por meio da indicação de uma professora amiga, ao passo que os da rede pública foram encaminhados por conhecidos após eu começar a divulgar minhas aulas particulares.

3.2 Situações observadas

As dificuldades mais recorrentes observadas entre os alunos estão relacionadas à leitura. Quando comparo os estudantes da rede particular com os da rede pública, percebo uma diferença marcante. O aluno do 6º ano da escola pública, que já enfrentou duas reprovações, apresenta grandes dificuldades em decodificar textos. Mesmo aqueles que já estavam “alfabetizados” no momento em que iniciei o acompanhamento, liam de forma silabada e não conseguiam interpretar frases simples.

Percebi ainda uma forte relação entre essas dificuldades e a ausência de contato com a leitura na primeira infância. Meus alunos da rede privada, por exemplo, têm famílias que, apesar de buscarem minhas aulas como forma de potencializar o aprendizado, em especial nos casos em que há diagnóstico de TDAH, oferecem apoio constante, incentivo à leitura e uma variedade de estímulos culturais. Em contrapartida, os da rede pública tiveram pouco ou nenhum contato com livros em seus lares, seja por falta de tempo dos pais, separações familiares ou condições de vulnerabilidade social.

Um caso que ilustra bem essa situação envolve dois alunos do 1º ano da rede pública, ambos adotados. O primeiro vive em uma família de baixa renda, mas com alto capital cultural, possuindo acesso a uma biblioteca pessoal com livros diversos e adequados à idade. O segundo, também em família de baixa renda e estável financeiramente, não recebe estímulo à leitura em casa. A diferença entre eles é evidente: enquanto um já consegue ler palavras iniciais, o outro ainda não associa corretamente os sons às letras e números. Esses contrastes demonstram como a presença ou ausência de estímulos na primeira infância influencia diretamente o ritmo e o sucesso do processo de alfabetização.

3.3 Intervenções realizadas

Para enfrentar essas dificuldades, procuro adotar diferentes estratégias de ensino, com destaque para a prática da leitura guiada. Nesse método, inicialmente realizo a leitura em voz alta, em seguida peço que a criança repita, e ao longo do processo paro para esclarecer palavras desconhecidas. Além disso, incentivo a diversidade nos materiais de leitura e proponho tarefas de leitura diária em casa, ressaltando para os pais a importância de acompanharem esse processo.

Em alguns casos, oriento diretamente às famílias sobre a necessidade de lerem com as crianças. Entretanto, a receptividade varia: enquanto alguns pais buscam colaborar, outros enfrentam limitações, seja pela falta de tempo devido ao trabalho, seja pela ausência do hábito de leitura.

Com os alunos que apresentam maior defasagem, retorno às bases da alfabetização, utilizando atividades de ortografia, leituras simples, ditados com sílabas complexas e exercícios de escrita funcional.

3.4 Resultados e reflexões

Ao longo desse acompanhamento, observei melhorias significativas no desempenho dos alunos, sobretudo em leitura, escrita e interpretação. Com os estudantes em fase inicial de alfabetização, os avanços são mais visíveis, pois o trabalho ocorre de maneira paralela ao processo escolar. Já com os alunos mais velhos da rede pública, o desafio é maior, pois muitas vezes é necessário retomar até mesmo conceitos básicos de matemática, que se tornam inacessíveis por conta da dificuldade de leitura e compreensão dos enunciados.

Um exemplo positivo é o de um aluno do 4º ano da rede pública. Após algumas semanas de aulas, ele conseguiu obter nota máxima em uma avaliação de ciências. Apesar de termos estudado apenas parte do conteúdo cobrado, ele conseguiu interpretar corretamente as questões

inéditas da prova, demonstrando que o avanço na leitura repercute diretamente em outras áreas do conhecimento.

Essas experiências confirmam que, se os alunos tivessem tido contato consistente com a leitura nos primeiros anos de vida, apresentariam hoje mais facilidade em lidar com os conteúdos escolares. A literatura científica aponta para a plasticidade cerebral, conceito que evidencia a capacidade do cérebro de se moldar conforme os estímulos recebidos. A ausência desses estímulos, portanto, gera lacunas que impactam diretamente a aprendizagem.

3.5 Ligação com a teoria

As experiências vivenciadas dialogam de maneira significativa com os autores que embasam este estudo. Assim como apontado por Eusimar Albino Bento da Silva (2015), a leitura desde os primeiros meses de vida gera não apenas ganhos cognitivos, mas também fortalece vínculos afetivos entre família e criança. Nas aulas, percebo que a leitura compartilhada, mesmo quando iniciada mais tardiamente, ainda produz efeitos positivos tanto no aprendizado quanto na autoestima dos alunos.

Magda Soares (2006) contribui ao afirmar que o letramento envolve práticas sociais de leitura e escrita, e que a criança precisa estar imersa em situações reais de uso da língua para se desenvolver plenamente. Essa constatação encontra eco nos meus alunos da rede particular, cujas famílias promovem um ambiente culturalmente rico, contrastando com a realidade dos da rede pública.

Já Teresa Colomer (2007) destaca o caráter lúdico e prazeroso da leitura, lembrando que a formação de leitores se dá também pelo vínculo afetivo que se estabelece em torno da prática. A ausência desses estímulos afetivos e culturais na primeira infância reflete-se em dificuldades persistentes na vida escolar, confirmando as conclusões que observo no cotidiano de minhas aulas particulares.

Assim, concluo que a presença ou ausência de práticas de leitura nos primeiros anos de vida influencia de forma decisiva o desempenho acadêmico posterior. A família, sobretudo nas camadas populares, precisa ser considerada peça fundamental nesse processo, ao lado da escola, para que o desenvolvimento das crianças ocorra de maneira integral e significativa.

4.Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo compreender o papel da família das camadas populares na conquista da alfabetização da prole, refletindo sobre como a ausência ou a presença da leitura

na primeira infância influencia diretamente o desenvolvimento escolar das crianças. Para tanto, foi realizada uma análise teórica sobre a importância da leitura desde os primeiros anos de vida, destacando pesquisas e autores que abordam o tema, como Silva (2015), Soares, Colomer e Ferreiro, além de um relato de experiência que evidenciou situações vivenciadas no contexto das aulas particulares.

A fundamentação teórica demonstrou que a leitura precoce contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social da criança. No entanto, constatou-se que as famílias das camadas populares enfrentam barreiras de acesso à literatura, seja por limitações econômicas, seja pela ausência de práticas culturais relacionadas à leitura em seus lares. As políticas públicas, como o PNLD, surgem como instrumentos fundamentais para democratizar o acesso aos livros, mas sua efetividade depende da mediação realizada por professores e familiares.

A pesquisa de Eusimar Silva (2015), desenvolvida com bebês em uma creche de Belo Horizonte, evidenciou que mesmo em contextos de vulnerabilidade social é possível criar condições favoráveis para a formação leitora, desde que haja incentivo, mediação e envolvimento das famílias. Essa experiência, aliada às contribuições de autores como Magda Soares e Teresa Colomer, reforça a tese de que o contato com a leitura nos primeiros anos de vida é decisivo para a alfabetização e para o desenvolvimento escolar.

No relato de experiência, observou-se de forma prática que os alunos que tiveram pouco ou nenhum contato com a leitura na primeira infância apresentaram maiores dificuldades de interpretação, escrita e aprendizagem, enquanto aqueles que cresceram em ambientes estimulantes e com acompanhamento familiar demonstraram avanços mais significativos. Essa constatação confirma o que a literatura já aponta: a família exerce papel central na formação do leitor, não apenas como provedora de recursos, mas principalmente como mediadora de práticas de leitura afetivas e cotidianas.

Diante disso, conclui-se que investir na leitura na primeira infância é investir no futuro das crianças, sobretudo das camadas populares, que enfrentam maiores desafios no acesso a bens culturais. A escola, as políticas públicas e a família precisam atuar de forma integrada para que o direito à literatura seja garantido a todos, possibilitando que as crianças tenham não apenas melhores condições de alfabetização, mas também uma formação mais crítica, autônoma e cidadã.

Por fim, este trabalho reforça a necessidade de novas pesquisas que ampliem a compreensão sobre o papel da família no processo de alfabetização, bem como de ações que fortaleçam

projetos de incentivo à leitura desde os primeiros anos de vida. É fundamental que a sociedade reconheça que ler para uma criança não é apenas um ato pedagógico, mas também um gesto de afeto, cuidado e transformação social.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa. *La enseñanza de la lectura. Estado de la cuestión*. Cuadernos de pedagogía, nº 216, p. 15-18, 1993

COLOMER, Teresa. *La evolución de la enseñanza literaria*. Aspectos didácticos de Lengua y Literatura, n. 8, pp. 127-171, Zaragoza: ICE de la Universidad de Zaragoza, 1996

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Eusimar Albino Bento da. **Meu bebê, um futuro leitor**: a inserção da leitura no berçário de uma creche em Belo Horizonte. 2015. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.